

REUNIÃO DE PAIS: PESQUISA-INTERVENÇÃO EM UMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

PARENTS' MEETING: RESEARCH-INTERVENTION IN A CHILD EDUCATION SCHOOL

Ligia de Carvalho Abões Vercelli¹
Cristiane Lino Zoadelli²

RESUMO: Este artigo, fruto de nossa dissertação de mestrado, tem por objetivo apresentar como é conduzida a reunião de pais em uma Escola Municipal de Educação Infantil localizada na cidade de São Bernardo do Campo, Região Metropolitana de São Paulo. Os participantes são uma professora, que leciona para crianças de 3 a 4 anos de idade, e duas mães. A metodologia utilizada é de cunho qualitativo, do tipo intervenção, e os instrumentos de coleta de dados são observação das reuniões comandadas pela professora, entrevistas semiestruturadas com as mães. Conclui-se que as reuniões de pais nessa escola de Educação Infantil podem constituir momentos de troca entre a escola e as famílias. Foi atestada a importância da participação ativa dos familiares, tanto no aprimoramento das reuniões, quanto no trabalho pedagógico, elaborado com as crianças. O fato de as professoras estarem abertas a mudanças mostrou-se imprescindível para que o efetivo diálogo entre a escola e a família aconteça democraticamente.

Palavras-chave: Educação Infantil. Relação família e escola. Reunião de pais.

ABSTRACT: This article, the result of our master's thesis, aims to present how the parents' meeting is conducted in a Municipal School of Early Childhood Education located in the city of São Bernardo do Campo, Metropolitan Region of São Paulo. The subjects are a teacher, who teaches children from 3 to 4 years old, and two mothers. The methodology used is qualitative, of the intervention type, and the data collection instruments are observation of meetings led by the teacher, semi-structured interviews with the mothers. It is concluded that the parents' meetings in this Kindergarten School can be moments of exchange between the school and the families. The importance of the active participation of family members was attested, both in improving the meetings and in the pedagogical work carried out with the children. The fact that the teachers are open to change was essential for the effective dialogue between the school and the family to happen democratically.

Keywords: Early Childhood Education. Family and school staff relationship. Teacher-parent conference.

¹ Doutora e mestra em Educação pela Uninove. Especialista em Psicopedagogia e em Psicanálise. Graduada em Psicologia e em Pedagogia. Atua como professora no Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais da Universidade Nove de Julho (Uninove) E-mail: vercelli.ligia@gmail.com

² Mestra em Educação pela Universidade Nove de Julho (Uninove). Graduada em Pedagogia. Atua como professora do Ensino Fundamental no Serviço Social da Indústria(Sesi) de Jaboticabal/SP. E-mail: cristiane.zoadelli@gmail.com

INTRODUÇÃO

Ao longo de sua história, a educação infantil vem consolidando a importância da relação família e escola, principalmente por se tratar do desenvolvimento de bebês e crianças, considerando a relevância que esta primeira etapa da educação deve representar em suas vidas.

Entendemos que a educação infantil é formada com a participação integrante da família, reiterando a Constituição Federativa do Brasil de 1988, que estabelece no artigo 205: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, [...]”. Nesse sentido, observamos que ambas, escola e família, formam um grande pilar, para juntas serem suportes na educação das crianças. Mas, apesar de tudo parecer óbvio e tranquilo, na prática, geralmente, não é tão simples assim.

“Abrir as portas da escola”, no sentido de acolher, reconhecer e escutar essas famílias, tem se mostrado uma tarefa difícil, especialmente em uma sociedade com sólidas heranças de uma educação tradicional e autoritária. Isso ocorre porque, frequentemente, as famílias que têm receio de se aproximar, muitas vezes, não se sentem pertencentes ao universo escolar, mas desprovidas de qualquer qualidade que possa contribuir para a aprendizagem de seus filhos.

É nesse momento que a figura do/a educador/a entra em cena, mediando o trabalho entre escola e família com o intuito de fortalecer esse elo. Diante desse desafio, a reunião de pais é uma oportunidade para que isso aconteça. Muitas delas tornam-se cansativas e unilaterais, quando esse encontro poderia ser relevante e revolucionário para todos os envolvidos. Esta não é uma iniciativa fácil, demanda planejamento, trabalho e muita vontade de ver o novo acontecer.

Este artigo, fruto de nossa dissertação de mestrado, tem por objetivo apresentar como é conduzida a reunião de pais em uma Escola Municipal de Educação Infantil localizada na cidade de São Bernardo do Campo, Região Metropolitana de São Paulo. Os participantes são uma professora, que leciona para crianças de 3 a 4 anos de idade, e duas mães. Para preservar suas identidades, atribuímos a eles nomes de pedras preciosas: Diamante – professora; Esmeralda - mãe 1 e Jade – mãe 2. A escola é denominada Rubi.

METODOLOGIA

Com o propósito de investigar e compreender o tema em determinado grupo social, no nosso caso, as famílias, este estudo pautou-se na metodologia de cunho qualitativo, do tipo intervenção. Como instrumentos de coleta de dados, utilizamos observações das reuniões de pais conduzidas por uma professora, além de entrevistas semiestruturadas com duas mães. A pesquisa qualitativa, de acordo com Lüdke e André (1986), baseando-se em Bogdan e Biklen (1982) possui cinco características, a saber:

1 – A pesquisa qualitativa tem o seu ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. Isto é, o pesquisador deve estar presente no ambiente em que a investigação será feita. Esse estudo, por preservar as características do local, sem intervenções do pesquisador, também é conhecido como naturalístico. O intuito é que ele trabalhe com as circunstâncias que ocorrem no ambiente, sem intervir propriamente, porém com atenção nas minúcias dos movimentos que ocorrerem, tanto dos objetos, quanto dos sujeitos envolvidos.

2 – Os dados coletados são predominantemente descritivos. Todo o material captado no estudo é de extrema importância. Observam-se com detalhes as pessoas, as situações e tudo o que ocorre no local. De acordo com os autores, também são realizadas as transcrições de entrevistas, depoimentos, desenhos, fotografias e extratos de diversos tipos de documentação, material que será importante para a realização do trabalho. Por mais insignificante que alguma ocorrência pareça, o pesquisador deve estar atento e considerá-la, para que a pesquisa tenha um cunho verdadeiro e efetivo.

3 – A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto. Cabe ao pesquisador a tarefa de averiguar de que forma a questão investigada se mostra nas atividades, nos procedimentos e no cotidiano dos envolvidos; com isso, espera-se que ele extraia do material coletado o maior número de informações capazes de auxiliar e facilitar a resolução dos problemas.

4 – O significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial do pesquisador. Dessa forma, ouvindo-as, é possível fazer perguntas ou debater com outros pesquisadores sobre os dados coletados. A informação é direcionada aos sujeitos abrangidos no estudo.

5 – A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo. Inicialmente a observação do pesquisador ocorre isenta da preocupação em procurar evidências que comprovem hipóteses definidas, anteriores ao estudo. Esse fato não implica que inicialmente haja um quadro teórico que possa nortear a coleta de dados.

Referindo-se à observação, Lüdke e André (1986) apontam que esse instrumento permite um contato mais estreito do pesquisador com seu objeto de pesquisa, sendo que essa experiência direta possibilita ganhos, pois o observador pode utilizar de seus próprios conhecimentos, estar mais próximo do ponto de vista dos sujeitos, além de obter novas descobertas sobre o problema. As autoras explicitam que cada observador pode apontar diferentes aspectos ao examinar um mesmo objeto ou situação. Isso deve-se, segundo as autoras, ao fato de que cada um de nós constitui uma história pessoal, o que nos faz privilegiar certos aspectos e negligenciar outros. Por isso, a relevância da observação apresentar-se controlada e sistemática, com um planejamento rigoroso. Lüdke e André (1986) destacam a necessidade de sinalizar bem qual será o objeto de estudo para que o foco não se perca, decidir como será a participação do observador, a duração das observações etc. O registro do observado foi realizado por meio de anotações escritas, gravações e fotografias.

Em relação à entrevista, as autoras supracitadas definem-na como um instrumento de coleta de dados que oportuniza maior interação. Uma considerável vantagem da entrevista é o fato de permitir a captação imediata da informação desejada. Se bem elaborada, pode permitir que sejam abordados assuntos mais pessoais, bem como assuntos de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais.

O registro da entrevista deu-se mediante anotações e gravação direta, possibilitando maior apreensão de detalhes, além de oferecer ao entrevistador mais liberdade para concentrar sua atenção no entrevistado.

Os dados das observações e das entrevistas foram analisados segundo a proposição de análise de conteúdo recomendada por Bardin (2002). Em conformidade com a autora, “A análise de conteúdo é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação.” (BARDIN, 2002, p.19). A autora também afirma, a análise de conteúdo como a utilização de várias técnicas de análise de comunicações, que efetuam deduções lógicas e operações analíticas,

com intuito de responder a indagação pretendida, fundamentando o resultado. Destaca ainda que, embora a linguística e a análise de conteúdo pareçam ter o mesmo objeto, isto é, a linguagem, “[...] A linguística estuda a língua para entender o seu funcionamento. A análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça [...]” (BARDIN, 2002, p. 44). Em outras palavras, a análise de conteúdo é aquilo que se quer apreender, de fato, em relação à pesquisa, é a essência, a compreensão do contexto desejado.

A escolha do *locus* da pesquisa deu-se, pois, uma das pesquisadoras havia sido professora dessa Escola de Educação Infantil, portanto, o acesso para a realização do estudo já estava previamente autorizado. Depois de apresentarmos os objetivos de nossa pesquisa a todas as profissionais, apenas uma professora concordou que suas reuniões fossem observadas por nós e, conseqüentemente, comentadas em seguida.

Tratou-se, portanto, de uma pesquisa intervenção, uma vez que estivemos em contato direto com a professora, realizando leituras, discussões e reflexões para que as reuniões pudessem ser ressignificadas.

Vale lembrar que, após a primeira reunião, com anuência da diretora e da professora, convidamos todos os pais e responsáveis presentes da turma a participarem da pesquisa, porém, apenas duas mães concordaram em conceder entrevistas.

PARTICIPAÇÃO DAS FAMÍLIAS NA ESCOLA

No cotidiano escolar, observamos que a partir do ano de 2014, segundo o Projeto Político-Pedagógico (PPP), a escola “Rubi” começou a investir no estabelecimento de maiores vínculos com a comunidade, devido a pouca participação dos familiares no trabalho escolar. Muitos pais, avós, mães e irmãos das crianças, puderam estar na escola, para ensinar às crianças uma receita culinária, técnicas de arte, como plantar na horta etc. Muitas famílias demonstraram-se entusiasmadas e pediram que a escola proporcione mais momentos de interação como estes.

Sobre a Associação de Pais e Mestres (APM) e o Conselho de Escola, cada um possui 14 membros, compostos por profissionais da gestão, algumas professoras e familiares das crianças. Os pais que participam da APM são bastante participativos e

gostam de auxiliar sempre que solicitados, cada qual com suas *expertises*, tais como: eletricitistas, encanadores, marceneiros, cozinheiras etc.

Nesta escola acontecem durante o ano quatro reuniões de pais, as professoras de cada sala conduzem sua reunião, na própria sala de aula, ou em outro ambiente da escola, conforme desejarem. Existe uma pauta coletiva, mas as professoras possuem autonomia para agregar assuntos que julguem pertinentes, em relação a frequência dos pais nas reuniões, esta tem aumentado durante os últimos anos, porém ainda não é o desejado.

Somando-se a isso, são realizados durante o ano, 3 sábados letivos, que envolvem as famílias em atividades com as crianças e funcionários. Essas datas, também têm se tornado ótimas oportunidades para ocorrer a integração escola-família. A equipe gestora e demais profissionais elaboram propostas como Teatro na escola, Dia da família e Semana da educação. Com este trabalho, a equipe escolar espera contribuir para que a relação escola e família seja cada vez mais harmoniosa.

AS REUNIÕES CONDUZIDAS PELA PROFESSORA

As observações realizadas durante as quatro reuniões de pais ocorreram nos meses de fevereiro, março, agosto e dezembro do ano de 2017. Observamos, que no decorrer das reuniões do ano, a forma como a professora organizou o espaço para recepcionar as famílias foi se alterando de acordo com as sugestões das mães entrevistadas e das conversas com a pesquisadora.

Iniciamos nossa participação a partir da preparação da primeira reunião. Relativo a este aspecto, Galluzzi, (2009, p. 42) cita que “A escolha do local e a arrumação do mesmo para a reunião de pais devem estar de acordo com os objetivos e os comportamentos esperados pelos participantes naquele ambiente.” A primeira reunião ocorreu na própria sala de aula da professora e o local foi organizado com as cadeiras à frente das mesas, ou seja, da mesma forma como as crianças se organizam no dia a dia. Verificamos durante as observações da primeira reunião, que “Os familiares permaneciam sentados, escutando as informações transmitidas pela professora. Ela pergunta se há alguma dúvida e ninguém se manifesta.”

Na segunda e terceira reuniões, a professora preocupa-se em organizar as cadeiras em círculo, arruma também uma mesinha, cobrindo-a com uma toalha azul, coloca dois

refratários com pedaços de bolo de milho feito pelas crianças no dia anterior, duas jarras de suco de uva, guardanapos e copos descartáveis. Além disso, organiza uma mesa com as pastas de “atividades” das crianças, deixando-as à mostra. Em uma outra mesa, coloca as fotos de cada criança sentada no pônei, como lembrança do passeio realizado à Pousada dos Pescadores. Há um leve som ambiente, com uma música de relaxamento. Tal mudança ocorreu, pois conversamos e refletimos junto com a professora, sobre a conduta tomada na primeira reunião. Nessa conversa, discutimos os conceitos de educação bancária *versus* educação problematizadora propostos por Paulo Freire (2002) e a docente percebeu que ela deveria escutar as famílias antes de se pronunciar. Além disso, lemos, em conjunto, o texto de Galluzzi (2009), mencionado neste artigo.

Ao analisarmos as descrições das duas primeiras reuniões, fica-nos evidente o cuidado e preocupação da professora em modificar o espaço, tornando-o mais agradável para que as famílias se sentissem acolhidas e esperadas. Quanto a isso, Galluzzi (2009, p. 42) considera que “O ambiente preparado sinaliza para os pais que antes de sua chegada houve intenção e responsabilidade em recepcioná-los. Em situações como estas se retribui também com afetividade.” Fora isso, a autora revela-nos que “A música ambiente favorece o relaxamento e a preparação para o momento que irá acontecer.”

Outra questão que merece ser analisada é o fato de a professora ter acrescentado a suas reuniões a entrega da pauta, como nos mostra o trecho a seguir: “Entrega a pauta, elaborada por ela, onde estava escrito “Pauta: reunião com as famílias de 04 de agosto de 2017.”

Segundo Galluzzi (2009, p. 31) “A pauta norteia todo o processo da reunião. Deve se adequar ao tempo proposto para que a reunião não se transforme num monólogo.” Com uma pauta de reunião menos extensa, a professora além de previamente informar as famílias sobre os assuntos a serem tratados, também propiciou um tempo maior para o diálogo e a participação dos presentes.

Ainda sobre a preparação da reunião, a autora ressalta que “Não é necessário e nem deve-se fazer todas as reuniões da mesma forma, pois anula a surpresa. Surpreendê-los é a nossa meta!” (GALLUZZI, 2009, p. 71). Baseando-nos neste pensamento, a professora foi muito assertiva ao iniciar a reunião de forma diferente, pediu para que todos a acompanhassem, indo até a biblioteca da escola. Quando chegaram lá, todos tiveram uma

grande surpresa: a professora havia preparado um vídeo com vários momentos das crianças durante o ano, o qual seria postado no blog da escola; convida as famílias a irem até a quadra, onde as crianças haviam feito uma pintura, retratando um grafite de gato feito pela artista “Minhau”.

Conduzindo a reunião desta maneira, as famílias puderam conhecer e adentrar outros espaços da escola, observaram de perto os trabalhos realizados e se familiarizaram mais com o ambiente.

A categoria interação família e escola, revela-nos sobre como a escola e família podem aproximar-se. Sobre este aspecto Ribeiro (2015), entende que descortinar a família pertencente a comunidade escolar suscitou aos familiares compartilharem suas inquietações, críticas, ideias, na ascensão de uma escola melhor.

Vale lembrar que o novo formato de reunião proporcionou que os familiares se cumprimentassem e verbalizassem à docente: “professora, ele falou tanto desse bolo ontem”, um pai disse: “ficou muito bom mesmo”, a avó falou: “passa a receita!” Desse modo, entendemos que “[...] a relação entre escola e família necessita ser de respeito mútuo, o que significa garantir as possibilidades de as famílias exporem as suas opiniões, ouvirem e dialogarem com os docentes sem receios de serem criticados [...]” (MAFFINI, MELLO; 2017, p.239).

Esta interação deu-se entre os próprios familiares, que passaram a manter maior comunicação e amizade. Como observamos no trecho da entrevista com a professora: “Também notei que os familiares conversavam bastante entre si, pois haviam formado um vínculo durante o ano, entre os encontros, reuniões, muitos fizeram amizade. Até os homens que nas primeiras reuniões demonstravam-se mais quietos, nesta reunião ficaram bem à vontade, conversam e comentam sobre seus/suas filhos/as”. Após essa recepção, a professora disse aos pais que estava muito satisfeita e feliz, pois a sala estava cheia e isso demonstrava interesse e participação por parte das famílias.”

A caixa de sugestões foi outra iniciativa acrescentada pela professora, a partir da terceira reunião do ano: A professora disse que havia uma caixinha de sugestões para quem quisesse colocar sua opinião sobre as reuniões, novas ideias, críticas, enfim que ficassem à vontade. Podemos dizer, que a caixa de sugestões foi mais uma estratégia usada

pela professora. Uma forma de auxiliar as pessoas mais tímidas, a participarem e a se expressarem.

Colocar o conteúdo trabalhado e o vídeo apresentado aos familiares no *blog* da escola, demonstrou empenho da professora em buscar outra fonte, no caso tecnológica, para interagir com as famílias. Ver o que realizam na rotina escolar, costuma ser muito bem-vindo pelos familiares: “Uma mãe disse que acompanha as publicações do *blog*, que acha uma maneira muito interessante de mostrar o trabalho, com momentos do dia a dia na escola.”

A escola Rubi também atende algumas crianças surdas. Diante disso, na primeira reunião do ano a professora apresentou a professora intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras) que trabalha na sala. Informou que como é uma escola polo de surdez, a aprendizagem é a todo tempo mediada pela professora de Libras, fazendo a tradução e agregando conhecimentos da língua para todas as crianças.

É dever da escola acolher a diversidade,

Dessa forma, as relações estabelecidas entre os profissionais da escola, desses com as crianças, com as famílias e com a comunidade, precisam ser norteadas por essa visão real da heterogeneidade – rica em contradições – que caracteriza a sociedade e as escolas em geral, e cada creche ou pré-escola em particular (KRAMER, 1989, p. 22)

E nessa riqueza que caracteriza a diversidade, é que as crianças da escola Rubi puderam estar imersas. O contato das crianças e suas famílias com as crianças surdas, só somou aprendizagens. Classificamos a oportunidade de aprender a língua de sinais e o contato direto com a professora de Libras e com as crianças surdas, foi um grande privilégio para os ouvintes bem como constatamos na fala da professora que informou que haveria uma festa de encerramento, falou um pouco sobre o trabalho com Libras, o quanto foi muito satisfatório ver como todos os ouvintes se interessavam em aprender os sinais também.

Complementamos com o fragmento da observação realizada por nós: “Familiares falaram, que gostaram muito de as crianças terem esse contato com as crianças surdas e com a língua de sinais. Alguns falaram que até em casa seu filho/a fazia os sinais, e até os familiares estavam aprendendo.”

A reunião de pais, demonstrou-se uma ótima oportunidade para que as famílias relatassem sobre a experiência de seus filhos/as estarem aprendendo outra língua.

Interessante como até os outros componentes da família, que não convivem diariamente com as crianças surdas, vendo o interesse de seus/suas filhos/as, também passaram a sentirem vontade de se apropriar mais da língua e compreendê-la melhor.

Frente a esses apontamentos, encerramos esta parte da análise com Kramer (1989), a qual considera que a diversidade nos propicia buscar estratégias e atitudes, necessárias para que cada criança na sua especificidade, seja ela qual for, seja atendida

ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM AS MÃES

Após combinar com as duas mães, que aceitaram participar da pesquisa, iniciamos as primeiras entrevistas. Estas ocorreram após a primeira reunião do ano com as mães Esmeralda e Jade. Das respostas dadas elencamos 4 categorias: Reunião de pais X Reunião de famílias; Gênero; Participação das famílias na escola e Formação.

No que se refere a categoria Reunião de pais X Reunião de famílias, destacamos a seguinte fala:

[...] Então a sugestão seria: reunião de famílias, reunião entre familiares e docentes, é muito mais justo com todas as mães que participam do que estar dizendo "reunião de pais". Eu entendo que aí tá querendo dizer pai e mãe, mas hoje em dia a gente vê que isso é resquício de uma sociedade patriarcal. Por que chamar de reunião de pais, quando na verdade quem vai mais é a mãe? Eu já deixei lá registrado no caderninho do meu filho, que deveria chamar reunião da família com os docentes, ou com o corpo docente, porque também não são mestres, são mestras a maioria. (mãe Esmeralda)

Recorrendo a Szymanski (2003, p. 43), podemos verificar que “O primeiro momento para conhecer a família é a observação. Nada mais é do que olhar. O que é olhar? É ver o que se mostra. Às vezes, fica mais fácil explicar alguma coisa dizendo o que ela não é”. Por meio da observação, além de outros aspectos, distinguimos os mais variados modelos de famílias existentes, evitando julgamentos, preconceitos e modelos pré-formulados, de como uma família necessita formar-se.

Observamos em outra fala da mãe Esmeralda, um ponto importante a ser refletido:

[...] Bom primeiro eu quero pontuar uma coisa, eu acho errado que seja chamada reunião de pais e mestres, tendo em vista que vão mães e professoras, a maioria né. Eu até já registrei isso com a professora, e eu acho que não só a reunião, mas todos os bilhetes, todas as comunicações da escola deveriam pensar um pouco mais nesta questão, até porque tem famílias que não tem pais, só tem mãe, por exemplo, na verdade a minha sugestão, não é a minha sugestão, eu não inventei e não tirei do nada, existe um manual, o governo do estado do Rio Grande do Sulque fez, que é pra falar sobre essas questões e fala quão sexista é o nosso idioma.

Diante do que a autora nos traz e a fala da mãe, compreendemos como frequentemente não é dada relevância a contemplar os modelos de famílias existentes, e assim adequar a nomenclatura de Reunião de pais para Reunião de famílias, afinal estas sofreram transformações através dos tempos. Desta forma, não é possível que a escola permaneça valorizando somente um modelo de família, como sendo o correto e “normal”, precisamente o modelo “nuclear”. Esse pensamento tonou-se ultrapassado e preconceituoso, visto que a escola deve ser um ambiente democrático e livre de discriminações.

Kramer (1989, p.19) aponta que:

[...] entendemos que a escola não tem o poder de mudar a sociedade, mas, simultaneamente, ela não tem o mero papel de conservar mecanicamente essa sociedade. A escola de 1º grau e também a escola para crianças até 6 anos tem a função de contribuir, junto com as demais instâncias da vida social, para as transformações necessárias no sentido de tornar a sociedade brasileira mais democrática.

Segundo a autora, aproveitar a presença das famílias na escola e tratar do tema “família” é de extrema importância e deve ser trabalhado da melhor forma possível. Conforme constatamos na entrevista concedida pela mãe, os membros da família que participam das atividades escolares de suas crianças, cada vez são mais diversificados. Cabe a escola articular-se e rever seus conceitos. Sabemos que mudanças não são fáceis, demandam tempo, resistências, mas são necessárias. Mais que isso, emergenciais no contexto que vivemos.

Essas mudanças, quando ocorrem, são percebidas e podem aproximar ainda mais as famílias da escola. Percebemos isso perfeitamente, durante a seguinte fala: “[...] A distribuição da pauta em papel foi também um detalhe carinhoso, e lá estava escrito “Reunião com as famílias”, outro detalhe que demonstra acolhimento às mães, pais, avós etc. (mãe Esmeralda)

A mãe utilizou muito bem a palavra “acolhimento”, pois é de fato, como a escola deve ser, acolhedora. Para a construção do vínculo entre escola e família, essa ação deve permear as atividades, ambientes e as relações das pessoas presentes na escola.

Por meio de nossas análises, compreendemos que:

Trata-se então, de pensar as famílias dos estudantes, que assumem configurações diversas a partir da realidade dos tempos atuais. Afirmamos ainda que as famílias dos alunos estão relacionadas a condições sociais e estilo de vida que traduzem os capitais cultural e social disponíveis. (LIMA, MACHADO; 2018, p.157)

Segundo os autores, cabe à escola, instituição que deve trabalhar junto a essas famílias, acompanhar e acolher esta multiplicidade e realizar sua função diante da democracia e igualdade. Na categoria gênero, compreendemos que mesmo estando no século XXI, este ainda é um tema bastante evitado e cercado de ressalvas ao ser tratado nas escolas. Em relação a este aspecto, a mãe Esmeralda traz o seguinte apontamento:

[...] É só uma observação, mas não tem a ver nem com a reunião, não sei nem se tem a ver com a escola, ou com a sociedade em geral. Enfim, é uma coisa que meu filho trouxe da escola e enfim, também me chamou a atenção. Por mais que esta escola trabalhe a diversidade, e é uma escola que respeita bastante as diferenças e tal. É, no primeiro ano, me chamou a atenção que meu filho tinha na cabeça que não podia usar nada cor de rosa, porque era de menina. E não é uma coisa que a gente fala lá em casa. Antes da escola ele usava cor de rosa e não tava nem aí, depois que ele entrou na escola ficou uma coisa mais forte. Depois conversando com a professora, ai a gente foi trabalhando. Chegou um dia, que ele tava no auge do desespero, começou a pintar tudo de rosa, dizia: “-Não posso usar rosa! (mãe Esmeralda)

Essa fala demonstra como a criança em meio às suas ações, necessita ser orientada sobre a questão das diferenças de gênero. O fato de a criança enfatizar em sua fala: “Não posso usar rosa!” Mostra o seu desespero em não aceitar realizar uma ação, provavelmente sem saber o porquê. Provavelmente, a criança foi instruída que rosa só poderia ser usada por meninas e não por meninos, sem maiores explicações.

É essencial que a criança receba de sua família a devida atenção e explicação daquilo que deseja saber. Vemos nas palavras da mãe algo que a criança vai descobrindo e reproduz através das relações com os outros:

[...] E a outra coisa, ele tem quatro anos, foi a questão do namoro, que as crianças já namoram. Ele disse pra mim que ele não quer namorar, que ele prefere ficar sem namorada. Enfim, é uma coisa que me chamou a atenção, que eu falei: “-Mas você sabe, que menino pode namorar com menino, e menina com menina?” Não fui eu que ensinei isso pra ele, então eu imagino que ele aprendeu isso na escola, com amiguinhos e amiguinhas, que já vem com essa coisa de menina com menino, e menino com menina, e só. Não sei de que forma a escola poderia contribuir, porque eu já mostrei pra ele, falei” -Tá vendo, aquela minha amiga, ela tá com uma menina. Também pode.” Do tipo “-Ah, legal!” “-Você sabe aquele tio que você ama pra caramba? Então, ele namora um menino. (mãe Esmeralda)

A fala da mãe, demonstra sua preocupação em não somente esclarecer a dúvida da criança, sobre a questão do namoro. Quando diz que: “Mas você sabe, que menino pode namorar com menino, e menina com menina?” Claramente explica para a criança como essas relações podem acontecer, suas possibilidades. Preocupa-se em ensinar a criança a não discriminar e a conhecer uma realidade existente, nas relações ao seu redor.

Quanto à categoria Participação das famílias na escola, a princípio, é relevante saber que de acordo com Parreira (2013), a questão da participação da família e da sociedade na educação é um acontecimento recente, e requer ruptura de paradigmas. Contemplando esse tópico, iniciaremos com as falas das mães, demarcando seu ponto de vista sobre as reuniões de pais:

[...]Acho muito importante que a escola faça as reuniões de pais. Para entendermos como a escola funciona, as regras, os combinados. Eu sempre procuro participar e é bom, porque ficamos mais próximo da professora e sabemos como nossos filhos estão. (Mãe Jade)

[...] eu acho que são três ou quatro por ano né? Eu acho que tinha que ser uma pelo menos a cada dois meses, pelo menos. (mãe Esmeralda)

As mães trazem em suas palavras, algo bastante relevante: o reconhecimento em relação a importância das reuniões de pais para a vida escolar de seus filhos. Essa é uma característica fundamental, pois compreendendo esse momento, conseqüentemente, o interesse e a participação tendem a ser atitudes permanentes. Entendendo a relevância da participação das famílias, conferimos que:

São dois os principais objetivos da interação escola-famílias. De um lado, ela visa propiciar o conhecimento dos pais e responsáveis sobre a proposta pedagógica que está sendo desenvolvida, para que possam discutí-la com a equipe. De outro lado, essa interação favorece e complementa o trabalho realizado na escola com as crianças, na medida em que possibilita que se conheça seus contextos de vida, os costumes e valores culturais de suas famílias, e as diferenças ou semelhanças existentes entre elas e em relação à proposta (KRAMER, 1989, p. 100)

Quando o assunto é a participação das famílias nas reuniões de pais, recorremos as seguintes falas das mães:

[...] prefiro uma reunião mais participativa, do que uma reunião onde só a professora vem pra contar as coisas né. A última reunião que teve eu achei legal, mas normalmente é a professora explicando ali, e a gente ali falando “tá bom”. (mãe Esmeralda)

[...] achei que as famílias podiam ter participado mais, pois ainda foram muitas informações da professora. (mãe Esmeralda)

[...] Acho que recebermos uma pauta seria uma boa...Abrir mais espaço para as famílias falarem e participarem também seria interessante. (mãe Esmeralda)

[...] Pra mim o que foi diferente, é que foram menos informes. Tivemos um pouco mais de tempo para conversarmos. (mãe Jade)

Nestas respostas, as mães entrevistadas realçam preferência em uma reunião participativa e destacam o fato de as reuniões habitualmente serem unilaterais, enfatizando a fala da professora. Quando a palavra é direcionada somente à professora, a família tende a sentir-se inferiorizada, como se não pudesse ter nada a contribuir. Dunker

e Thebas (2019), no livro “O psicanalista e o palhaço” apontam o quanto a escuta pode transformar vidas. Nesse sentido, foi proporcionado aos familiares e responsáveis que saíssem do anonimato, que se posicionassem e sugerissem como gostariam que as reuniões e outras demandas da escola fossem conduzidas. Nesse sentido, apontamos que,

Escutar com qualidade é algo que se aprende. Depende de alguma técnica e exercício, mas também, e principalmente, de abertura e experimentação. É uma arte difícil de dominar porque seus efeitos visíveis acontecem no outro em tempo real e segundo as leis do improviso: o riso, a metamorfose do humor, a mudança de atitude em relação a si mesmo, ao mundo e aos outros [...]. DUNKER; THEBAS, 2019, p. 25).

Diante do exposto, verificamos reuniões em que as famílias participam ativamente. Nessa relação, os dois lados: família e escola ganham, pois as trocas de experiências e discussões, alavancaram a qualidade do trabalho realizado. Entendemos que a ausência de diálogo entre família e escola, pode trazer situações de desconforto, como bem exemplificam a mãe Esmeralda:

[...] mas eu sinto que ainda tem alguma coisa que fica só no “rumor”, que os pais não têm coragem de expor, sabe? Que fica uma coisa do tipo, depois que acaba a reunião, um blá, blá, blá, sabe assim.

[...] Então as pessoas às vezes têm aquela coisa assim, é um professor, eu não vou falar nada porque ele sabe tudo, eu não sei nada.

Na sequência da entrevista, uma mãe traz uma sugestão para contribuir com a maior participação das famílias:

[...] E assim, uma outra sugestão, talvez é quando você vai pedir a opinião dos pais, as pessoas têm uma resistência pra falar, porque não estão acostumadas a ter esse espaço. Então talvez, a professora poderia falar assim: “-O que vocês acham?” E mesmo que ninguém fale nada, deixar o silêncio, sabe do tipo, pra esperar. Porque de repente, se uma pessoa quer falar, ela fica tímida, não fala nada. Talvez até elaborando, como é que eu vou explicar o que eu tô pensando aqui. Aí a professora fala: “-Ah então tá, vamos para o próximo tema.” Muito rápido, sabe, eu acho que deveria esperar um tempo, e não ficar pressionando, tipo: “-Ninguém quer falar?” Falou uma vez espera. Dar um tempo pra ver se alguém fala, sabe? (mãe Esmeralda)

A mãe coloca em pauta, a pouca ou em alguns casos, a falta da “voz” das famílias. Justamente em uma reunião de pais, algo que seria fundamental: o diálogo é um dos pontos de nossa análise.

Oportunizar momentos que as famílias se expressem, é sem dúvida uma forma desse “educador autoritário” demonstrar que as reuniões de pais devem ser democráticas, valorizando as falas das famílias.

Compreendemos que desta maneira, assim como foi exposto nas observações das reuniões, mudanças são possíveis e por vezes, fundamentalmente necessárias. Exemplo disso, verificamos nas percepções das mães durante as entrevistas:

[...] A caixa de sugestões foi interessante, a gente sente que tem mais espaço na escola. A professora também demonstrou estar aberta às perguntas e respondeu de maneira bastante profissional. A estratégia de cozinhar e os pais levarem os ingredientes também me parece uma porta de entrada para desinibir a participação dos pais e mães. (mãe Esmeralda)

[...] Foi uma reunião muito acolhedora, senti que as famílias estavam bem entrosadas e a vontade. No decorrer das reuniões fomos formando um vínculo, isso uniu mais os dois lados, da escola e das famílias, trouxe mais confiança parece. (mãe Esmeralda)

[...] Gostei da caixinha de sugestões, achei essa reunião mais participativa. Adorei o bolo(risos). Acho que a docente esclareceu tudo aos responsáveis, adorei! (mãe Jade)

[...] O modo de conduzir as reuniões foi muito satisfatória, para os pais não se sentirem constrangidos, em fazer perguntas simples...com ótimas respostas de esclarecimento. (Mãe Jade)

Conforme as mães disseram, percebemos que a participação mais ativa e protagonista das famílias, por si só, acaba favorecendo para desvincular a figura das reuniões de pais, a momentos meramente informativos, de cobranças e ausente da efetiva cooperação das famílias. Identificamos por meio das palavras das mães entrevistadas, uma receptividade que passou a aparecer em suas falas, vinda da escola em direção às famílias.

[...] Teve diferença sim, e acho que foram evoluindo de uma para a outra. Acho que para mim foi a interação e participação dos pais nos encontros. Tivemos mais conversas para troca de informações de outros pais, em relação ao convívio com os amigos de seus filhos, vendo que a maioria dos acontecimentos se davam na casa dos outros, como na nossa. Foi uma bela troca de experiências e aprendizado das crianças. (Mãe Jade)

[...] Sim, bastante. Tanto no acolhimento, na preparação da sala, o espaço mais aberto para as famílias participarem, tudo ficou diferente. Acho que as reuniões foram perdendo um pouco aquela coisa de muita formalidade, e ficando mais descontraídas e muita gente passou a falar mais. E essa última reunião fechou bem o ano. Apesar de terem coisas ainda a melhorar, sempre tem né, eu fiquei satisfeita. (Mãe Esmeralda)

As entrevistas, nos possibilitaram averiguar vários pontos a serem melhorados ou modificados na elaboração de uma reunião de pais. Ouvir as mães nos trouxe elementos da realidade a serem discutidos, e isso também é uma forma de democratizar a educação, com a ideia de acolher, não somente impor o que a escola pretende.

É gratificante considerar o que as observam e perceber falas como: “[...] E essa última reunião fechou bem o ano. Apesar de terem coisas ainda a melhorar, sempre tem

né, eu fiquei satisfeita (Mãe Esmeralda)”. Essa colocação, faz entendermos que mesmo existindo aspectos a serem melhorados, os avanços foram expressivos. Lembramos ao leitor e à leitora que as reuniões apresentadas anteriormente foram pensadas de acordo com as falas das mães Jade e Esmeralda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa possibilitou realizarmos reflexões e discussões com duas mães entrevistadas e uma professora de educação infantil acerca das formas como as reuniões aconteciam e sugestões de como a professora, sujeito do presente estudo, pode acolher melhor as famílias, despertando o interesse, em não apenas participarem das reuniões, mas também dialogando, expondo suas críticas, sugestões, e contribuindo com ações concretas para o trabalho pedagógico.

Acompanhamos quatro reuniões de pais de uma professora de educação infantil, ocorridas nos meses de fevereiro, março, agosto e dezembro do ano de 2017. Em nossas observações iniciais percebemos que a professora conduzia as reuniões de uma maneira a não recepcionar as famílias de forma acolhedora, sem modificações no ambiente, além de possibilitar pouco diálogo e colaboração do/as envolvidos/as. A proposta pedagógica não foi apresentada, e os desejos dos familiares não foram atendidos. A partir destas observações, conseguimos colaborar com melhorias no encaminhamento das reuniões.

A primeira reunião, foi marcada por uma pauta extensa, com muitas informações, orientações sobre o funcionamento da escola. As famílias participaram simplesmente como ouvintes, houve ausência de diálogo e praticamente nenhuma preocupação em modificar o ambiente, para que fossem recepcionadas.

Na primeira entrevista com as mães, após essa reunião, percebemos que elas sentiram este despreparo e manifestaram o desejo por mudanças. Para a segunda reunião, as mães sugeriram que houvesse mais participação das famílias, pois praticamente não dialogaram na anterior. Também indicaram, que falar a respeito do trabalho pedagógico realizado com as crianças seria interessante. Além disso, a pesquisadora sugeriu à professora que modificasse o espaço organizando as cadeiras em círculo, permitindo maior interação entre todos/as.

Ciente da devolutiva da primeira entrevista com as mães, a professora refletiu sobre sua prática e aceitou repensar a maneira de conduzir, organizar e abordar os assuntos, bem como a privilegiar a participação das famílias e suas contribuições.

A partir dessas sugestões, a professora aceitou as mudanças e, à ocasião da segunda reunião, o ambiente tornou-se mais receptivo para as famílias, com cadeiras dispostas em forma de círculo, facilitando o contato e a visualização de todos os presentes. A professora compartilhou mais informações com as famílias, sobre o trabalho desempenhado, e atendeu a oferta da avó de uma criança, que convidou as demais e a professora para uma visita em sua casa.

Após a segunda reunião, fizemos outra entrevista com as mães; novas ideias foram elencadas por elas, como a entrega de uma pauta impressa, diversificar os gêneros de livros trabalhados na maleta de histórias, oportunizar mais participação para o diálogo com as famílias e exercer maior explicação sobre o trabalho pedagógico cotidiano. A pesquisadora sugeriu, que a professora dispusesse uma caixa de sugestões, com intuito de as famílias contribuírem com novas ideias, contemplando também as pessoas mais tímidas, com dificuldade em se expor.

A professora Diamante, a partir das contribuições das mães e da pesquisadora, avaliou ser interessante promover algumas alterações. Assim, a terceira reunião observada, realizada no mês de agosto, apresentou-se totalmente inovadora, com atuação das crianças na preparação do bolo de milho, que foi oferecido no acolhimento aos familiares. Outro ponto a destacarmos, foi a entrega da pauta com a mudança de nomenclatura de Reunião de pais, para Reunião de famílias, detalhes que indicaram uma reunião planejada e disposta a receber os diferentes arranjos familiares.

Após a terceira entrevista, mães e pesquisadora tiveram outras ideias. Uma das mães, sugeriu que houvesse uma dinâmica com as famílias, e que a participação e o diálogo permanecessem. A pesquisadora, como sugestão, disse para a professora que esta poderia usar outros espaços da escola, para a reunião não permanecer restrita a sala de aula; também propôs a apresentação de um vídeo, mostrando uma retrospectiva dos fazeres dos pequenos, referente ao ano letivo de 2017.

Finalmente na última reunião do ano, após a professora Diamante acolher a maioria das sugestões, visualizamos famílias mais entrosadas, satisfeitas com o trabalho

realizado no decorrer do percurso. Nitidamente, a reunião contava com um número maior de pessoas, todas dialogando, comprovando que as adequações sugeridas foram ao encontro dos anseios de todos. O fato de a professora transcorrer a reunião em diferentes ambientes da escola, proporcionou maior contato das famílias com os espaços da instituição, além de trazer mais dinamismo.

Logo após a última reunião do ano, a pesquisadora novamente reuniu-se com as mães para entrevistá-las. Durante a conversa, destacaram ter sido uma reunião muito acolhedora, ficaram satisfeitas com o trabalho pedagógico demonstrado. Classificaram como positivo, recorrer a outros espaços da escola. Para as próximas reuniões, as mães manifestaram a expectativa, de prosseguissem desta forma, dando voz e vez às famílias.

No fechamento da pesquisa, durante roda de conversa, verificamos as impressões que a professora e mães participantes adquiriram a respeito do trabalho realizado. A professora Diamante, declarou ter sido uma experiência que possibilitou modificar muitas concepções solidificadas que mantinha no planejamento sobre as reuniões, abandonando uma visão mais tradicional e valorizando-as como oportunidades de aproximação das famílias, tornando-as pertencentes também da prática pedagógica.

Já as mães, manifestaram sua satisfação por terem tido oportunidade de serem ouvidas e presenciar todas as reformulações das reuniões de pais do ano. Ainda acrescentaram dicas, do que ainda pode ser feito, como conversas a respeito de assuntos relevantes, a importância da alimentação saudável, reciclagem etc.

Nesta linha de pensamento, salientamos outras variações que podem ser empregadas nas reuniões como por exemplo: os/as professores/as poderiam utilizar dinâmicas envolvendo as famílias; promover que vivenciem as mesmas situações de aprendizagens das crianças na escola; realizar resgates de como eram as atividades escolares, na época em que estes familiares estavam na educação infantil; inserir trechos de vídeos, artigos e livros que tragam assuntos de interesse dos/as envolvidos/as, para serem debatidos; oportunizar que as próprias crianças possam protagonizar as reuniões, apresentando seus trabalhos, falando sobre o que realizaram na rotina escolar, suas críticas, ideias etc.

Outra necessidade observada, é que esses modelos de reuniões devem permear não somente a educação infantil, como também o ensino fundamental I e II, bem como o

ensino médio. Conforme relatado pela professora, durante a apresentação desta pesquisa na reunião pedagógica, estas outras etapas da educação básica propiciam poucos, ou praticamente nenhum trabalho e trocas com as famílias, como se essa necessidade não existisse. A partir disso, destacamos a importância de as reuniões de pais serem reformuladas e inseridas na escola, como uma oportunidade de excelência para que a relação com as famílias se efetive, e não se perca como comumente vem acontecendo.

Sinalizamos também, a relevância da conscientização dos/as professores/as a buscarem novas práticas em suas reuniões de pais. Não podemos mais aceitar esses momentos com modelos ultrapassados sejam perpetuadas dentro das escolas. É tempo de os/as profissionais da educação se despirem de modelos pré-estabelecidos de reuniões, onde o diálogo e a contribuição real e ativa das famílias e crianças são repudiadas, vistas como uma afronta ao “poder” do/a professor/a.

Desta forma, sugerimos formações nas escolas com discussões a partir de cenas e experiências de reuniões de pais vivenciadas pela equipe, avaliando estarem ou não adequadas, em prol de uma educação que zele pela democracia, valorizando não somente os deveres, mas também os direitos das famílias dentro das escolas.

A presente pesquisa nos leva a confirmar, que as reuniões de pais são ocasiões privilegiadas na promoção da participação eficaz das famílias, podendo significar momentos agradáveis e singulares na relação família e escola.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2002.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Poder Executivo, Brasília, 1988.
- DUNKER, Christian; THEBAS, Cláudio. **O palhaço e o psicanalista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- GALUZZI, Carmen S. P. **Propostas para reuniões de pais**. São Paulo: Edicon, 2009.
- KRAMER, Sônia. **O papel social da pré-escola**. In: ROSEMBERG, Fúlvia. (Org) **Creche**. São Paulo: Cortez, 1989.

LIMA, Andreza Maria de; MACHADO, Laêda Bezerra. Relação família-escola: o estado da arte na pós-graduação brasileira. **Eccos – Revista Científica**. São Paulo, n. 46, p.149-167, mai/ago.2018.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MAFFINI, Franciele P; MELLO, Débora T. de. A importância da participação da família no contexto da educação infantil com crianças de 0 a 3 anos In: MELLO, Débora T. de; CANCIAN, Viviane A; GALLINA, Simone F da S. **Formação para a docência na educação infantil**: pedagogias, políticas e contextos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.

PARREIRA, Lúcia Aparecida. **Famílias e educação**: parceiras? 2013. Tese (Doutorado em Serviço Social). Instituição de ensino: Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho, Franca, SP, 2013.

RIBEIRO, Iara S. **Interação escola e família**: formação de professores e familiares. 2015. Dissertação (Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais). Instituição: Universidade Nove de Julho, São Paulo, SP, 2015.

SZYMANSKI, Heloisa. **A relação família/escola**: desafios e perspectivas. Brasília: Plano Editora, 2003.